

# BORGES NA ITÁLIA

ANDRÉIA GUERINI

Universidade Federal de Santa Catarina  
andrea.guerini@gmail.com

Descobrir Borges para nós foi ver realizada uma potencialidade almejada desde sempre: ver tomar forma um mundo à imagem e semelhança dos espaços do intelecto, habitado por um zodíaco de signos que correspondem a uma geometria rigorosa.

*Italo Calvino*

## Introdução

Embora Giuseppe Bellini em *La letteratura ispano-americana* tenha definido Jorge Luis Borges como «uno dei più notevoli rappresentanti della poesia ultraista» (1970: 301) e «uno dei più singolari saggisti argentini» (1970: 458) sem obviamente deixar de mencionar o grande prosador (p. 303) foi apenas em meados de 1950 que o escritor de *Historia universal de la Infamia* (1935) começa a ser reconhecido e valorizado na Itália, ganhando importante e sucessivas traduções.

O presente artigo trata da recepção de Borges na Itália, sem desconsiderar que a fama e a fortuna literária desse escritor na terra de Dante e Leopardi não pode ser desvinculada de sua recepção na Europa e, principalmente, na França<sup>1</sup> que foram os primeiros a divulgar, através de traduções, a obra do escritor argentino.

## Os italianos e Borges

No livro intitulado *Por que ler os clássicos*, coletânea de ensaios, prefácios e resenhas, o escritor italiano Italo Calvino (1923-85) proporciona ao leitor uma viagem pelo mundo dos clássicos da literatura.

Partindo da Grécia de Homero, atravessando séculos da tradição literária ocidental, passando por diversos lugares, chega-se à Argentina de Jorge Luis Borges. É 1984 quando Calvino escreve o ensaio «Jorge Luis Borges» observando que «o sucesso de Jorge Luis Borges na Itália já tem uma história de trinta anos: começa, de fato, em 1955, data da primeira tradução de *Ficciones*, sob o título *La biblioteca di Babele*, nas edições Einaudi, e culmina hoje com a edição completa das obras nos «Meridiani – Mondadori»<sup>2</sup>.

De 1955 para cá, teve um período, segundo o jornal italiano *Corriere della Sera* de 08.11.1997, no qual quase todas as editoras italianas, pequenas e grandes, tinham em seus catálogos uma obra de Borges<sup>3</sup>. E nos dias atuais, podemos, com o auxílio da internet, constatar que existem mais de 66 escritos de Borges traduzidos para a língua de Dante, sem contar os inúmeros ensaios acerca do autor argentino<sup>4</sup>.

Como apropriadamente observou Calvino, o êxito editorial de Borges esteve sempre acompanhado ao êxito literário, que é ao mesmo tempo causa e efeito do primeiro. O autor de *Fábulas italianas* vai mais longe ao falar da influência que Borges teve sobre a criação literária italiana, pois segundo ele «pode-se dizer que muitos dos que escreveram nos últimos vinte anos, a partir dos que pertencem à minha geração, foram profundamente marcados por ele»<sup>5</sup>.

Como nasce o interesse dos italianos em relação ao escritor de *El Aleph*? Calvino diz poder responder a essa pergunta apelando para a sua própria memória, tratando de reconstruir o que significou para ele a experiência Borges. Experiência que tem como ponto de partida o contista, autor de *Ficções* e de *O Aleph*, passando, em segundo lugar, ao Borges ensaísta para finalmente chegar ao Borges poeta. Ou, ainda, de modo geral, por ter reconhecido em Borges uma idéia de literatura como mundo construído e governado pelo intelecto; ou, mais especificamente, pela sua arte de escrever breve e com densidade, pois nas palavras de Calvino

Borges é um mestre do escrever breve. Ele consegue condensar em textos sempre de pouquíssimas páginas uma riqueza extraordinária de sugestões poéticas e de pensamento: fatos narrados ou sugeridos, aberturas vertiginosas para o infinito, e idéias, idéias, idéias, idéias. Como tal densidade se realiza sem a mínima congestão, no período mais cristalino, sóbrio e arejado; como o narrar sinteticamente e enviesado conduz a uma linguagem toda precisão e concretude, cuja inventiva se manifesta na variedade dos ritmos, dos movimentos sintáticos, dos adjetivos sempre inesperados e surpreendentes, isso é um milagre estilístico sem igual na língua espanhola, de que só Borges tem o segredo<sup>6</sup>.

Uma outra opinião sobre a importância de Borges é a do crítico italiano Giovanni Mariotti, pois num artigo do *Corriere della Sera* diz:

Não consigo reconstruir como o descobri, no início dos anos cinquenta, na cidade de província onde eu vivia; mas sei que antes dos vinte anos tinha lido *Ficcões* e *O Aleph*, e outro ainda, se não os tivesse lido (e lido naquela idade) teria tido com o universo de páginas escritas – ou, se se quer, das combinações alfabéticas – uma relação diferente daquela que me acompanhou pelo resto da minha vida. Um mundo que me pareceu fluido e circular, me pareceria ao contrário parcelado, dividido em blocos, tatuado por fronteiras precisas. Que surpresa foi, então, ler livros onde a literatura estava em todos os lugares...<sup>7</sup>.

É importante sublinhar que a imagem de Borges na Itália nos primeiros anos é a do poeta lírico ultraísta, imagem que, de acordo com Enrique Santos Unamuno, «perdurará durante años en los círculos de la crítica académica italiana»<sup>8</sup> e será com Calvino que essa situação muda.

### **Borges e os italianos**

Poderíamos inversamente dizer que não só os italianos foram profundamente influenciados por Borges. O escritor argentino também bebeu de fontes literárias italianas, especialmente da *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, a qual ele afirma ter lido diversas vezes e em diferentes edições. Das suas leituras dantescas, Borges escreve dois ensaios: «Divina Comédia» (1980) e «Nove ensaios dantescos» (1982).

Nesses ensaios, Borges consegue com o seu rigor literário e estético, analisar alguns pontos significativos dessa que é, segundo o crítico e historiador Otto Maria Carpeaux, a «epopéia universal de Dante»<sup>9</sup>. O mérito de Borges ao longo da reflexão dos cantos reside na sua constante preocupação com a obra literária, valorizando o texto, deixando com que os versos falem mais alto, pois Borges sustenta que «o verso é uma das máximas virtudes de Dante». Assim sendo, consegue sair da trilha habitual das análises do mundo dantesco, que se preocupa principalmente com fatores extraliterários, confirmando aquilo que ele já dissera: «as interpretações de um livro tão infinito como a *Comédia* não podem ser tão simples».

Contudo, Borges vai mais longe, não fala do óbvio. Afinal, a *Divina Comédia* foi uma obra que o acompanhou por toda a vida. E ele tinha a convicção de que a *Comédia* era um livro possível de múltiplas interpretações, e está além das suas e das nossas vigílias.

O estudo assíduo e apaixonado do texto capital da literatura italiana, a participação com que ele faz frutificar a herança dantesca na meditação crítica e na originalidade da obra criativa é, segundo Calvino, uma das razões, certamente não a única, pela qual Borges é festejado na Itália<sup>10</sup>.

Além de Dante, e a título de curiosidade, Borges também freqüentou e foi influenciado por Ariosto, autor de *Orlando Furioso*, bem como escreveu um ensaio sobre o menos conhecido Dino Buzzati, autor vêneta de literatura fantástica.

A propósito de epopéia, convém lembrar que Borges era um grande admirador e assíduo leitor desse gênero literário porque para ele, diferentemente de Leopardi que no seu *Zibaldone di Pensieri* afirmava que a lírica é o gênero mais elevado, a épica é o gênero poético primordial, narrativo.

## As traduções de Borges na Itália

Se na França as primeiras traduções da obra de Borges são de 1922, na Itália sabe-se que o nome do argentino chegou atrás do escritor-diplomático, Paolo Vita Finzi, nos anos de 1930, mas é somente nos primeiros anos da década de 1960 que Borges se situa no centro dos debates culturais italianos, graças principalmente a Calvino. Convém assinalar que a primeira tradução de Borges na Itália se deve a Franco Lucentini. Segundo Enrique Santos Unamuno, «la traducción de Lucentini se revela fundamental para la fortuna borgeana en Italia y se relaciona directamente con el éxito que los relatos del argentino habían obtenido primero en Argentina y posteriormente en Francia»<sup>11</sup>.

Visto que a «popularidade» e a recepção de Borges na Itália passam inevitavelmente pelas sucessivas traduções de sua obra<sup>12</sup>, teceremos alguns comentários sobre a tradução italiana do conto «A biblioteca de Babel», extraído do livro *Ficciones* e traduzido por Franco Lucentini, em edição revista de 1985.

A intenção é verificar os procedimentos usados pelo tradutor italiano, bem como cotejar com a tradução brasileira, feita por Carlos Nejar e a tradução inglesa mais recente, realizada por Andrew Hurley, levando sempre em consideração que é, entre outras coisas, através de diferentes traduções que a leitura do original se enriquece.

*Grosso modo*, poderíamos dizer que a tradução italiana do conto «A Biblioteca de Babel» está longe de ser uma recriação e/ou adaptação do texto borgeano. Ao contrário, percebe-se uma certa «literalidade» em relação ao texto original.

Aliás, na tradução italiana encontra-se ao final do livro uma pequena nota do tradutor declarando que

Quando saiu nas «Fichas» Einaudi há trinta anos, esta tradução – a primeira em italiano de uma obra de Borges – suscitou objeções como muito literal, muito espanholizante. Revendo agora, não faltaram retoques daqui e dali, para aumentar a literalidade e os suspeitos espanholismos. Não sou responsável, ao contrário, pelas correções «em bom italiano» que afligiram a reedição de um outro editor, em uma recente edição de todas as obras de Borges<sup>13</sup>.

A estratégia da literalidade aproxima a tradução italiana da brasileira e da inglesa, pois as três traduções mantêm os 15 parágrafos usados por Borges no conto em questão. Entretanto, e como é de se esperar, existem pontos de divergência nas traduções analisadas. Diríamos que a tradução italiana desse conto apresenta maior número de omissões e desvios que as traduções brasileira e inglesa.

Na tradução italiana, o tradutor omite, por exemplo, a epígrafe do conto.

Um outro caso de omissão na tradução italiana encontra-se ao final do sétimo parágrafo. O texto em espanhol termina assim: «...la versión de cada libro a todas las lenguas, las interpolaciones de cada libro en todos los

libros, *el tratado que Beda pudo escribir (y no escribió) sobre la mitología de los sajones, los libros perdidos de Tácito*». O texto em italiano desse parágrafo finaliza em: «...la traduzione di ogni libro in tutte le lingue, le interpolazioni di ogni libro in tutti i libri», ou seja, o que foi sublinhado por mim no texto em espanhol não é traduzido por Franco Lucentini.

Um outro problema verificado na tradução italiana está no terceiro parágrafo do conto, quando em espanhol temos «...cada renglón, de unas ochenta letras de color negro...», o tradutor italiano traduz por «...ciascuna riga, di quaranta lettere di colore nero...». Em português é «...cada linha, de umas oitenta letras de cor preta...» e em inglês «...each line, approximately eighty black letters...».

Ainda com relação a desvios numéricos, muito freqüentes nas traduções em geral e vinculadas ao inconsciente do tradutor, no sétimo parágrafo, Borges usa em certa altura «...las posibles combinaciones de los ventitantos símbolos ortográficos...», a tradução italiana usa «...le possibili combinazioni dei venticinque simboli ortografici...», a tradução brasileira «...as possíveis combinações dos vinte e tantos símbolos ortográficos...» e a tradução para o inglês é «...all possible combinations of the twenty-two orthographic symbols...».

Um outro desvio na tradução de Franco Lucentini observa-se no quinto parágrafo do conto quando ele usa «tre secoli» (p. 71) ao invés do correspondente direto «trecento anni», pois no texto em espanhol temos «Esa comprobación permitió, hace trescientos años.....» (p. 466), conservado na tradução inglesa «three hundred» e na brasileira «trezentos anos».

Como última observação, gostaria de mostrar a escolha de Franco Lucentini com relação à tradução da palavra «infinitesimal». No texto de partida, lê-se «...la Biblioteca es tan enorme que toda reducción de origen humano resulta *infinitesimal*». Tanto na tradução ao português quanto ao inglês, a escolha dos tradutores é manter a palavra «infinitesimal», já na tradução italiana temos «...la Biblioteca è così enorme che ogni riduzione d'origine umana risulta *infinitesima*...».

Se tivesse que optar por uma palavra italiana para «infinitesimal», não hesitaria em deixar a mesma palavra usada por Borges no original. Estratégia que iria ao encontro da intenção declarada pelo próprio tradutor italiano, isto é, a de mover o leitor para o autor, forçando e enriquecendo a própria língua. Por sua vez, percebe-se que a política traducional adotada pela editora das obras completas de Borges, a Mondadori, em sua prestigiosa coleção Meridiani, vai em direção oposta, ou seja, move o escritor para o leitor, estratégia também usada na tradução brasileira e na de língua inglesa mais recente.

## Conclusão

Independentemente dos procedimentos usados nas diferentes traduções de Borges, espera-se que outras traduções das obras de Borges continuem sendo editadas na terra de Dante, Ariosto, Calvino e de outros mais

ou menos ilustres, pois é com a tradução dos clássicos que a rica cultura literária se enriquecerá ainda mais, ampliando, a possibilidade de difusão desse grande escritor dentro e fora do circuito acadêmico-intelectual, bem como é através dela é que se tem, segundo Venuti, o «enorme poder de construir representações de culturas estrangeiras»<sup>14</sup>.

## NOTAS

- 1 Para mais detalhes ver UNAMUNO, Enrique Santos «Borges en Itália: Perfil de una recepción», disponível no site <[www.club.it/culture/enrique.santos.unamuno/corpo.tx.unamuno.html](http://www.club.it/culture/enrique.santos.unamuno/corpo.tx.unamuno.html)> (30.03.2003).
- 2 Ver CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998. Tradução de Nilson Moulin, p. 246.
- 3 Informação obtida pela internet no endereço: <<http://erwhon.ticonuno.it/arch/rivi/narrare/borges1.htm>> (11.10.99). Nesse endereço se encontra o ensaio intitulado *Borges: la letteratura dappertutto*. As traduções do italiano são de minha autoria.
- 4 Para maiores informações, consultar: <<http://www.geocities.com/Athens/Olympus/32772/bibliografia.html>> (24.08.2004).
- 5 Ver CALVINO, Italo. *Opus cit*, pp. 246-7.
- 6 *Idem*, p. 248.
- 7 Ver ensaio *Borges: la letteratura dappertutto*: <<http://erwhon.ticonuno.it/arch/rivi/narrare/borges1.htm>> (11.10.2003).
- 8 Ver UNAMUNO, Enrique Santos «Borges en Itália: Perfil de una recepción», disponível no site <[www.club.it/culture/enrique.santos.unamuno/corpo.tx.unamuno.html](http://www.club.it/culture/enrique.santos.unamuno/corpo.tx.unamuno.html)> (30.03.2003).
- 9 Ver CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*, vol. I, Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1959, p. 177.
- 10 Ver CALVINO, Italo. *Opus cit*, p. 253.
- 11 Ver UNAMUNO, Enrique Santos «Borges en Itália: Perfil de una recepción», disponível no site <[www.club.it/culture/enrique.santos.unamuno/corpo.tx.unamuno.html](http://www.club.it/culture/enrique.santos.unamuno/corpo.tx.unamuno.html)> (30.03.2003).
- 12 Pode-se dizer que as inúmeras traduções de Borges na Itália culminou com a publicação, em 1984, de *Tutte lê opere* pela Mondadori na prestigiosa coleção «I Meridiani».
- 13 Ver BORGES, J.L. *Finzioni*, Torino: Einaudi, 1985. Tradução de Franco Lucentini, p. 151.
- 14 Ver VENUTI, Lawrence. «A tradução e a formação de identidades culturais» in Signorini, Inês (org.). *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma*

*discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998, pp. 173-200.

#### REFERÊNCIAS

- Alighieri, Dante. *Divina Commedia*, Roma: Biblioteca Economica Newton, 1994.
- Bellini, Giuseppe. *La letteratura ispano-americana. Dalle letterature precolombiana ai nostri giorni*. Milano: Sansón-Accademia, 1970.
- Borges, Jorge Luis. *Obras Completas*, vol. III, Madrid: Emecé, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Novas Inquirições*. Lisboa: Quercus. Tradução de G. N. de Carvalho, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Obras Completas I*. São Paulo: Globo, 1998. Tradução de Glauco Mattoso, Jorge Schwartz, Josely Vianna Baptista, Vera Mascarenhas, Alexandre Eulálio, Carmen Cirne Lima, Carlos Nejar, Flávio José Cardoso.
- \_\_\_\_\_. *Collected Fictions*. New York: Penguin, 1998. Traduzido por Andrew Hurley.
- \_\_\_\_\_. *Finzioni*, Torino: Einaudi, 1985. Tradução de Franco Lucentini.
- \_\_\_\_\_. *L' Aleph*, Milano: Feltrinelli, 1989. Tradução de Francesco Tentori Moltalto.
- Carpeaux, Otto Maria. *História da literatura ocidental*, vol. I, Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1959.
- Calvino, Italo. *Por que ler os clássicos?*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998. Tradução de Nilson Moulin.
- \_\_\_\_\_. *Tutte le opere*. Milano: Mondadori-Meridiani, 1992.
- Leopardi, Giacomo. *Zibaldone di Pensieri* in <[www.liberliber.it](http://www.liberliber.it)>.
- Unamuno, Enrique Santos «Borges en Itália: Perfil de una recepción», disponível no site <[www.club.it/culture/enrique.santos.unamuno/corpo.tx.unamuno.html](http://www.club.it/culture/enrique.santos.unamuno/corpo.tx.unamuno.html)> (30.03.2003).
- Venuti, Lawrence. «A tradução e a formação de identidades culturais» in Signorini, Inês (org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998, pp. 173-200. Tradução de Lenita R. Esteves.
- <<http://www.geocities.com/Athens/Olympus/3272/bibliografia.html>> de 24.08.99